

**UEM**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM PESQUISA EDUCACIONAL – TURMA IV**

**CLAUDINÉIA APARECIDA DE SOUZA**

**A EDUCAÇÃO FEMININA NO SÉCULO XIX: VIRTUDES E  
COMPORTAMENTOS NA OBRA *SENHORA* DE JOSÉ DE  
ALENCAR**

**CLAUDINÉIA APARECIDA DE SOUZA**

**MARINGÁ  
2013**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM PESQUISA EDUCACIONAL – TURMA IV**

**A EDUCAÇÃO FEMININA NO SÉCULO XIX: VIRTUDES E  
COMPORTAMENTOS NA OBRA *SENHORA* DE JOSÉ DE ALENCAR**

Monografia apresentada por CLAUDINÉIA APARECIDA DE SOUZA, ao Departamento de Fundamentos da Educação, da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Especialista em Pesquisa Educacional.  
Orientador(a): Profa. Dr(a): MARCÍLIA ROSA PERIOTTO

MARINGÁ  
2013

**CLAUDINÉIA APARECIDA DE SOUZA**

**A EDUCAÇÃO FEMININA NO SÉCULO XIX: VIRTUDES E  
COMPORTAMENTOS NA OBRA *SENHORA* DE JOSÉ DE ALENCAR**

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Marcília Rosa Periotto – UEM

Prof. Me. Dhenis Rosina - UEM

Prof. Me. Gesilaine Mucio Ferreira - UEM

19 de setembro de 2013

Dedico este trabalho às minhas filhas:  
Brenda e Julia.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus que me oportunizou saúde para suportar mais esta caminhada.

A todos os meus familiares, obrigada pelo apoio.

Aos professores da especialização que compartilharam comigo seus saberes, especialmente àqueles que fizeram a diferença no decorrer do ano.

A professora Marcília Rosa Periotto, por tanta dedicação e compreensão. A ela toda gratidão do mundo.

As minhas amigas e amigos: Ana Paula Castagna, Aline Galani, Marcos Cruz, André Martins e aos demais colegas de classe que comigo desfrutaram de alegrias, conhecimentos e experiências que levarei para toda a vida.

Àqueles que acreditaram na minha conquista me apoiando, meus sinceros agradecimentos.

Enfim, obrigada a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

Enquanto pelo velho e novo mundo vai  
ressoando o brado-emancipação da mulher-,  
nossa débil voz se levanta na capital do  
império de Santa Cruz, clamando: educai as  
mulheres!

(Nísia Floresta, 1853.)

SOUZA, Claudinéia Aparecida de. **A EDUCAÇÃO FEMININA NO SÉCULO XIX: VIRTUDES E COMPORTAMENTOS NA OBRA SENHORA DE JOSÉ DE ALENCAR**. 44 f. Especialização em Pesquisa Educacional – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Marcília Rosa Periotto. Maringá, 2013.

## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar a obra *SENHORA*, de autoria de José de Alencar, escrita no século XIX, momento em que o Brasil construía um modelo de nação forjado ainda nas relações patriarcais, e o capitalismo já se encontrava dominante em todas as partes do mundo. Em 1875, José de Alencar, tece críticas às contradições presentes na sociedade brasileira por meio de sua obra romântica *Senhora*, construindo uma personagem feminina que, educada para exercer autonomia como indivíduo, se opunha à educação rígida das demais mulheres de sua época. Neste sentido, este trabalho tem por objetivo analisar a trajetória da protagonista Aurélia a fim de identificar os hábitos, costumes e a educação das mulheres do século XIX. É objetivo, ainda, demonstrar o predomínio do masculino sobre a vontade feminina e o fato de que às mulheres se destinava uma vida de submissão aos pais, irmãos e maridos. Busca-se discutir estas relações considerando o contexto da época, dividido entre práticas sociais moldadas no patriarcado e a educação burguesa que dispunha às mulheres a liberdade necessária aos interesses do capital. A personagem Aurélia traz em si esses embates, os quais objetivavam no interior da obra mostrar que elas deveriam manter-se obedientes às determinações masculinas, um expediente utilizado pelo autor para manifestar a visão sobre as mulheres dominante na época. O trabalho busca articular com as temáticas da educação, casamento, comportamento, valores e submissão com o contexto da sociedade no século XIX.

**Palavras-chave:** SENHORA; Educação feminina; Século XIX; José de Alencar.

SOUZA, Claudinéia Aparecida de. **FEMALE EDUCATION IN THE NINETEENTH CENTURY: THE VIRTUES AND BEHAVIOUR IN THE WORK LADY OF JOSÉ DE ALENCAR.** 44 f. Expertise in Educational Research – State University of Maringá. Supervisor: Marcília Rosa Periotto. Maringá, 2013.

### **ABSTRACT**

This study aims to analyze the work *SENHORA*, by José de Alencar, written in the nineteenth century, when the Brazil struggles to create a model nation still forged in patriarchal relations and capitalism was already dominant in all parts of the world. In 1875, José de Alencar criticizes the contradictions present in Brazilian society through his work *Romantic Lady*, building a female character who, educated to exercise autonomy as an individual, opposed the strict upbringing of other women of her time. Thus, this study aims to analyze the trajectory of the protagonist Aurelia to identify the habits, customs and education of women of the nineteenth century. Thus, the goal is also to demonstrate the predominance of male over female desire and the fact that women intended a life of submission to parents, brothers and husbands. The article discusses these relations considering the context of the period, divided between social practices shaped in patriarchy and bourgeois education which provided women the freedom necessary to the interests of capital. The character itself Aurelia brings these clashes, which aimed to work within the show that they should remain obedient to male determinations, an expedient used by the author to express the dominant view on women at the time. The paper seeks to articulate the themes of education, marriage, behavior, values and submission to the context of the society in the nineteenth century.

**Keywords:** LADY; female education; nineteenth century, José de Alencar.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1. VIDA E OBRA DE JOSÉ DE ALENCAR .....</b>	<b>12</b>
<b>2. A IMAGEM DA MULHER NA OBRA SENHORA DE JOSÉ DE ALENCAR ...</b>	<b>20</b>
<b>3. A EDUCAÇÃO DA MULHER BRASILEIRA NOS OITOCENTOS: UMA ANÁLISE DA OBRA SENHORA DE JOSÉ DE ALENCAR .....</b>	<b>30</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em analisar a educação da mulher no romance urbano do século XIX: *Senhora* (1875), de autoria de José de Alencar (1829-1877). A escolha pelo tema surgiu da importância dessa obra para expor a vida da sociedade elitista, marcada por seus códigos de civilidade durante esse período, ressaltando a emancipação feminina na figura de Aurélia e os aspectos sociais da vida da mulher.

Numa sociedade ainda escravocrata, patriarcal e religiosa, a personagem Aurélia se destacou por ser diferente das mulheres vividas e retratadas nesse período. José de Alencar ao discutir temas como o casamento por interesse, ascensão social a qualquer custo e a emancipação feminina, buscou criticar de certa forma os valores, hábitos e costumes da sociedade carioca oitocentista.

Neste trabalho problematizamos a educação da mulher nos oitocentos, destacando o papel de Aurélia na obra *Senhora*, a qual prima pela insubmissão masculina e pela superioridade intelectual frente às demais mulheres desse período. A temática abordada por José de Alencar nos permitiu analisar como a educação feminina era organizada e disposta na sociedade do século XIX, uma vez que a personagem Aurélia ao mesmo tempo em que contestou os paradigmas educativos, incorporou os valores morais e intelectuais vigentes até então.

A educação das mulheres no século XIX não ocorreu isoladamente, mas paralela às “relações sociais para os quais, tanto o homem quanto a mulher, eram peças importantes e complementares da organização familiar e civil” (PINHEIRO, 2009, p. 7). Nessa perspectiva, é de fundamental importância compreender a história das mulheres e os processos históricos que formularam os valores e fomentaram a educação da mulher nos oitocentos.

Ao nos debruçarmos para pesquisar a temática, nos deparamos com poucos trabalhos disponíveis que analisam a obra *Senhora* pela perspectiva educativa, ou seja, ainda não se voltaram de modo sistemático para o caráter educativo da obra de José de Alencar. Acreditamos que a dificuldade encontrada pelos pesquisadores para o estudo do tema é a falta de registros oficiais sobre a

educação da mulher nos oitocentos. Os registros acessíveis são praticamente do gênero masculino. “Ainda faltam mais historiadores, homens e mulheres, que interpretem com maior frequência, a gênese e a importância dos fatos históricos que envolvem as mulheres” (PRIORES, 2012, p. 9).

*Senhora* foi uma das últimas obras de José de Alencar. Na figura de Aurélia, o autor apresentou uma contestação dos estereótipos femininos do século XIX, representada por uma sociedade voltada totalmente as conveniências masculinas. Assim, para entendermos melhor qual o papel desempenhado por Aurélia e o espaço que ela ocupava nessa sociedade, é imprescindível refletirmos sobre o sentido educativo que se desprende na construção da personagem, ou seja, como educar uma jovem que não vive entre a elite para “brilhar” entre a burguesia? Como a sociedade brasileira do século XIX via a figura feminina e qual sua importância na formação social dessa época?

A partir dessas questões, procuramos fatos pertinentes e perspectivas de especialistas e pesquisadores que contextualizem a história das mulheres na sociedade brasileira do século XIX para trazer respostas que nos ajudem a refletir qual o lugar das mulheres na sociedade oitocentista e qual a importância da educação para sua formação e construção dessa sociedade na qual estavam inseridas.

Nesse sentido, nosso esforço maior foi compreender a importância dada à mulher na obra *Senhora* de José de Alencar. Para tanto, nos reportamos à pesquisa bibliográfica:

Como o próprio nome aponta, a pesquisa bibliográfica é aquela feita a partir de bibliografia variada, ou seja, engloba livros, revistas, jornais, publicações técnicas, dentre outras fontes escritas (ROCHA e BERNARDO, 2011, p. 88).

Assim, buscamos embasamento teórico para nossa pesquisa sobre a educação feminina em meados do século XIX, mais precisamente os anos de 1800 a 1870 a obra *Senhora* de Alencar e autores que descrevem o papel da educação das mulheres nesse período da história da sociedade brasileira. Desse modo, recorreremos a livros e artigos que retrataram a vida da mulher no século XIX, através de autores como Priore (2012), D’Incão (2012), Louro (2012), Hahner (2003), entre outros, que expressaram concepções, pensamentos e significados

sobre o tema abordado, assim como os aspectos históricos, culturais e sociais referentes ao período.

Nesse sentido, este trabalho estará centrado em levantamentos bibliográficos, estruturando-se assim em três capítulos: O primeiro capítulo intitulado “Vida e obra de José de Alencar” apresenta uma breve biografia do autor, seu estilo literário, sua predileção pela temática feminina e uma síntese da obra *Senhora*, objeto do nosso estudo. Para tal, nos valem do referencial teórico de Luiz Viana Filho (1979) que retrata através do seu livro, narra um pouco da história do autor e tece uma relação direta entre suas obras e a trajetória de vida de Alencar.

O segundo capítulo, sob o título “A imagem da mulher na obra *Senhora* de José de Alencar”, expõe o espaço dado à mulher brasileira em meados do século XIX e a construção da identidade feminina presente na obra *Senhora*, na qual pretendemos evidenciar como a protagonista Aurélia caracterizou-se como uma mulher à frente de seu tempo, uma vez que seus posicionamentos, valores e concepções de sociedade contrariaram o modelo da mulher dessa época.

No terceiro capítulo relacionaremos a educação refinada da personagem Aurélia à educação da mulher burguesa no século XIX, contrapondo a dificuldade de acesso a essa educação pelas demais mulheres dessa sociedade patriarcal, ou seja, neste capítulo procuraremos mostrar a educação das mulheres e os objetivos propostos por essa educação nos valendo de leis como o Projeto das “escolas de primeiras letras” - Lei de 15 de Outubro de 1827 e a Reforma de Couto Ferraz em 1854. Assim, pretendemos com este trabalho mostrar como era organizada a educação das mulheres e também ressaltar o contexto social da qual elas vivenciaram durante o século XIX.

## 1. VIDA E OBRA DE JOSÉ DE ALENCAR

No dia 1º de maio de 1829, na pequena casa de campo que o próprio pai construiu no Alagadiço Novo, Freguesia de Mecejana CE, nascia José Martiniano de Alencar. Filho natural de Ana Josefina de Alencar e José Martiniano de Alencar e neto pelo lado materno, do importante capitão Leonel Pereira de Alencar e sua mulher D. Maria Xavier da Silva. Como era o segundo José Martiniano de Alencar, era chamado por sua família, até sua adolescência, de “Cazuza”.

A família paterna também ocupou lugar de destaque na história pernambucana, devido à participação no comércio local por seu avô lusitano José Gonçalves dos Santos e pela D. Bárbara de Alencar, a qual se consagrou como heroína da rebelião de 1817. Embora seu pai estivesse deixado à profissão sacerdotal para casar-se com sua prima Ana Josefina, a família paterna consentiu a união.

Durante sua breve vida, José de Alencar atuou como advogado, jornalista, político, orador, romancista e teatrólogo, vindo a falecer no dia 12 dezembro de 1877 na cidade do Rio de Janeiro devido a complicações da tuberculose. Embora tivesse tido uma intensa carreira pública, teve maior reconhecimento no campo literário, sendo considerado, segundo Tufano (1982, p. 53) “o mais importante prosador do Romantismo brasileiro”.

Sob forte influência de sua vida sertaneja, da natureza brasileira e com o sentimento nativista que o revolucionário do seu pai lhe passava, desde pequeno José de Alencar mostrou grande interesse pelo universo feminino, pois segundo o próprio autor, em sua autobiografia *Como e porque sou romancista* (1893) desde sua infância era ele que em sua casa lia os romances para sua mãe e suas tias. “Foi essa leitura contínua e repetida de novelas e romances que primeiro imprimiu em meu espírito a tendência para essa forma literária que é entre todas a de minha predileção” (ALENCAR, 2005, p. 29).

Em 1830 mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro devido à carreira política do pai, senador do Império. Com doze anos de idade era tão franzino, que no Colégio de Instrução Elemental ganhou o apelido de “*Caturrinha*”. Embora esse apelido tenha lhe desagradado, seu apreço pela escola e a afeição pelo

mestre Januário compensou as dificuldades encontradas. Esse afeto ao mestre Januário esteve presente em sua biografia, considerando-o como decisivo em sua formação escolar. Em suas próprias palavras:

Januário exultava a cada uma de minhas vitórias, como se fora ele próprio que estivesse no banco dos alunos, a disputar-lhes o lugar, em vez de achar-se como professor dirigindo os seus discípulos (ALENCAR, 2005, p. 30-31).

Em 1844 transfere-se para São Paulo e permanece até 1850, cursando Direito. Aos 16 anos, surge prematuramente o romancista, que para Araripe Junior:

[...] foi incontestavelmente árduo e revelador de uma vocação artística. A prova mais evidente deste asserto são as suas contínuas visitas aos alfarrábios da biblioteca de São Paulo, onde horas e horas perdia ele, não se nutrindo de alguma curiosidade ou história do passado que lhe recreasse o espírito, mas copiando trechos de João de Barros<sup>1</sup> e Damião Góis<sup>2</sup>, decompondo os períodos monumentais destes escritores, diluindo frases, compondo de novo, buscando, com paciência beneditina descobrir o segredo da originalidade dos seus dizeres tão pitorescos. Os assuntos pouco interessavam à sua musa fértil; a linguagem era tudo (ARARIPE JUNIOR, s/a *apud* VIANA FILHO, 1979, p. 40).

José de Alencar parecia um homem esbelto, postura ereta, olhos negros e largos de miopia, apresentando uma expressão passiva e aparência frágil, seus traços marcantes predominavam: “A barba negra, densa e forte, despontara-se precocemente aos quinze anos, e nunca a raspava, conservando-a como uma moldura que o acompanharia pelo resto da vida” (VIANA FILHO, 1979, p. 40).

No ano de 1846 matricula-se na Faculdade de Direito de São Paulo, na qual se discutia política, arte, filosofia, direito e, sobretudo, literatura. Ao entrar em contato com o novo estilo literário importado da França, o romantismo, Alencar começa absorver essas ideias literárias, transportando para suas futuras obras as principais características deste estilo literário: “exaltação da natureza, patriotismo, idealização do amor e da mulher, subjetivismo, predomínio da imaginação sobre a razão” (FURLAN, 2009, p. 1).

---

<sup>1</sup> Considerado autor da verdadeira “Gramática Portuguesa” (1496-1570).

<sup>2</sup> Escritor, humanista (1502-1574).

Quando se forma, começa a advogar no Rio de Janeiro e colaborar com o jornal *Correio Mercantil* (1830-1836). Em 1874, seu colega de faculdade Francisco Otaviano de Almeida Rosa o convida a escrever os folhetins para o *Jornal do Commercio*, a que José de Alencar responde: “Quem ganha se contigo eu for, não és tu, sou eu [...]” (VIANA FILHO, 1979, p. 47).

José de Alencar questionou o estilo literário da época – de um lado, o estilo quinhentista parecia-lhe lento e truncado, de outro, o moderno apresentava-se como uma elasticidade admirável. Feito esse confronto, indagou qual desses dois estilos parecia mais conveniente para refletir a literatura brasileira. Na verdade, o que queria José de Alencar era inovar, queria encontrar um estilo próprio, ou seja, “uma linguagem compatível com o novo mundo americano, e libertar-se dos velhos cânones de Portugal” (VIANA FILHO, 1979, p. 44). Porém, familiarizava-se com os clássicos e contemporâneos da literatura.

Em 1855, torna-se redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro*. Por ser filho de político, o jovem Alencar assistiu os principais acontecimentos políticos de perto e, certamente, tomou gosto pela política. Filiado ao Partido Conservador, foi eleito deputado pelo Ceará por várias vezes. No ano de 1868 exerceu o cargo de Ministro da Justiça, permanecendo até 1870. Entretanto, não conseguiu realizar a ambição de se tornar senador, contentando-se apenas com o título do Conselho pois, segundo Viana Filho, apresentava um biótipo e comportamentos que comprometeriam a imagem atribuída a um senador.

No parlamento, um bom começo é o meio para o êxito. E deste a eloquência pedestal do orador, costuma ser inseparável. A Alencar faltavam atributos para a tribuna, desde o físico até a voz. A estatura baixa, franzino, a palavra débil, por vezes quase imperceptível em nada realçavam a figura do tribuno (VIANA FILHO, 1979, p. 102).

Conforme o autor citado, esse fato influenciou diretamente as escolhas de Alencar, visto que, desgostoso com a política, decide dedicar-se exclusivamente à literatura. Atingindo um público fiel, principalmente feminino, que se deleitavam com os elogios atribuídos às mulheres.

Aos 25 anos, se apaixonou por Chiquinha Nogueira da Gama, “jovem, herdeira de uma das fortunas assentadas no café, integra a *jeunesse dorée* dos salões” (VIANA FILHO, 1979, p. 49), mas não passou de um simples “*flirt*” para o

coração desiludido de Alencar. Para Alencar, os desfechos nos romances eram mais fáceis que na vida. Assim, via partir para a Europa sua amada Chiquinha. Dessa desilusão, José de Alencar escreveu dois romances: *Diva* e *Senhora* (1875), que segundo Pinho:

[...] ao revelar esse amor malogrado, admitiu que Alencar, ferido pela indiferença da mulher amada, libertara-se das tristes lembranças vazando-as nas páginas de *Diva* e *Senhora*, cujos personagens femininos seriam réplicas do humilhado romancista à bela e insensível herdeira (PINHO, 1942, *apud* VIANA FILHO, 1979, p. 49-50).

Os escritos de Alencar começaram a ganhar credibilidade e notoriedade com as “*Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*”, publicadas no *Diário do Rio de Janeiro* entre 10 de junho e 15 de agosto em 1856, sob o pseudônimo de *Ig*, nos quais fez crítica ao poema épico de Domingos Gonçalves de Magalhães (1811- 1882), favorito do Imperador D. Pedro II e era tido por ele como protetor das letras e das artes. A respeito disso, Viana Filho afirma:

[...] dias depois da edição imperial. Iniciou crítica tão vigorosa quanto impiedosa, e da qual se vê que Alencar, já tinha em mente fazer do índio o motivo de uma obra literária. Seria sonho acalentado desde a mocidade, e para o qual se preparava tenazmente. Agora, com a Confederação dos Tamoios, Magalhães, tomava-lhe a dianteira. A precedência feria-o (VIANA FILHO, 1979, p. 59).

Na parte da crítica referente ao poema de Gonçalves Magalhães escrita por José Alencar no *Diário do Rio de Janeiro*, ele transcreve:

As virgens índias do seu livro podem sair dele e figurar em um romance árabe, chinês ou europeu [...] o senhor Magalhães não só não conseguiu pintar a nossa terra, como não soube aproveitar todas as belezas que lhe ofereciam os costumes e tradições indígenas (ALENCAR, 1960, p. 878, *apud* SANTOS, 2011, p. 8).

Percebe-se que José de Alencar realizou uma dura crítica à Magalhães ao retratar o gênero feminino referindo-se às indígenas. O autor acreditava que Magalhães não retratou as, cotando-lhes a devida importância. Essa análise de José de Alencar demonstra o grau de estudos do autor em relação à teoria

literária e suas concepções do que realmente poderia caracterizar a literatura brasileira.

No ano de 1856, José de Alencar publica seu primeiro romance, intitulado “*Cinco Minutos*”. No ano seguinte, publicou em *folhetins* *O Guarani* (1857) já se apresentando como um escritor mais maduro e popular. Nessa fase de sua vida, surge um amigo, Joaquim Maria Machado de Assis<sup>3</sup>, que nunca mais se separariam.

Em 1863, José de Alencar publicou um novo romance: *Lucíola*, iniciando assim a série de perfis femininos que se desdobraram em *Diva* e *Senhora*. Daí em diante, escreveu romances regionais, urbanos, indígenas, históricos, obras teatrais, crônicas, poesias, estudos políticos e filosóficos, entre outros. Contudo, não causou alegria ao autor, que em meio à solidão conheceu Georgina Augusta. E, em 20 de junho de 1864, casou-se com sua única esposa, a qual o acompanhou até o fim da vida.

Grande parte das obras de Alencar é composta de romances, nos quais predominam a vida social ou urbana, com menções aos costumes da sociedade carioca da época. Já em relação aos escritos de ficção histórica, sua busca pelo tema nacional para o romance, consagrou-se por meio de dois caminhos: os romances de temas propriamente históricos e os de lendas indígenas. Com isso, José de Alencar incorporou o “movimento indianista” na literatura brasileira do século XIX. Dentro dessa concepção, Josué Montello faz uma síntese a respeito das obras do autor:

Alencar não quisera ser apenas o historiador da sociedade de seu tempo, como o criador da Comédia Humana: chamara a si a pintura geral da vida brasileira, nos três períodos que a compunha, pintura da vida aborígene, com *Iracema* e *Ubirajara*; a pintura da vida colonial com *O Guarani* e *As Minas de Prata*; a pintura da vida imperial, tanto rural quanto urbana, com *Lucíola*, *Diva*, *Senhora*, *A Pata da Gazela*, *Cinco Minutos*, *Til*, *A Viúvinha*, *O Tronco do Ipê*, *Sonhos d’Ouro*, *O Gaúcho*, *Encarnação*, *O Sertanejo* (MONTELLO s/a *apud* VIANA FILHO 1979, p. 238).

---

<sup>3</sup> Conforme a Academia Brasileira de Letras, “Machado de Assis (Joaquim Maria M. de A.), jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 21 de junho de 1839 e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908”. É o fundador da Cadeira nº. 23 da Academia Brasileira de Letras. Velho amigo e admirador de José de Alencar, que morrera cerca de vinte anos antes da fundação da ABL, era natural que Machado escolhesse o nome do autor de *O Guarani* para seu patrono.

De acordo com Tufano (1982), José de Alencar manteve certa posição crítica ao denunciar a hipocrisia e a corrupção da alta sociedade brasileira, através de um enredo composto geralmente de intrigas complicadas, com vários imprevistos, deixando o leitor em suspense até que, no final tudo se esclarecia. Com a saúde debilitada, por conta de uma tuberculose que lhe afligia desde a juventude, publicou um novo romance com mais um perfil feminino, o qual atribuiu o título: *Senhora*. Para Tufano:

Este título abarca as narrativas que têm como tema situações e problemas do Rio de Janeiro, a cidade da Corte. A variedade dos tipos humanos, as novas situações que surgiam numa cidade que abrigava a “sociedade” do Brasil, problemas morais e sociais decorrentes do crescimento do Rio de Janeiro, tudo isso serviu de temática para os nossos romancistas, dentre os quais se destacam José de Alencar com: *Senhora* (TUFANO, 1982, p. 68).

No romance *Senhora*, Alencar endereça e assina: “Ao Leitor”, denotando assim, a veracidade da narrativa.

A história é verdadeira, e a narração vem de pessoa que recebeu diretamente, em circunstâncias que ignoro, a confiança dos principais atores desse drama curioso. O suposto autor não passa rigorosamente de editor. E certo que tomando a si o encargo de corrigir a forma e dar-lhe um lavor literário, de algum modo apropria-se não da obra, mas do livro (ALENCAR, 19-- , p.7).

A obra *Senhora* fora uma das últimas de Alencar que, aos 48 anos de idade, era triste ver desaparecer prematuramente o romancista, “ainda no pleno vigor da inteligência” (VIANA FILHO, 1979, p. 292). A esse triste fato, Azevedo comenta:

A 12 de dezembro de 1877, abraçou-se (Alencar) à sua esposa, chorando amargamente. Depois passou a olhá-la de maneira fixa, como se desejasse levar consigo sua imagem; e assim ficou a lutar contra a morte, até o momento em que pessoas da família retiraram-se do quarto do enfermo. Então, como que seu espírito sossegou, deixando-se vencer pela matéria; e morreu tranquilamente (AVEZEDO s/a, *apud* VIANA FILHO, 1979, p. 293).

Sendo assim, morre de tuberculose e deixa seis filhos, inclusive Mário de Alencar, que continuou a carreira letrada do pai, o escritor José de Alencar, a quem através de *Senhora* uma de suas últimas obras publicadas, nos convida a entender os costumes da sociedade do século XIX, assim como os comportamentos que influenciavam a vida da mulher nos oitocentos, ou seja, a personagem Aurélia nos ajuda a compreender o que a sociedade esperava dessas mulheres.

No romance *Senhora*, José de Alencar realizou seu último estudo dos perfis femininos. Aurélia Camargo, moça órfã e pobre, noiva de Fernando Seixas, que a amava, mas, ambicionando uma carreira fácil e querendo sair de dificuldades econômicas, abandona-a para cortejar outra mais rica. No entanto, Aurélia, com a morte do avô, recebe uma grande herança e torna-se muito rica. Movida pelo desrespeito e vingança, apesar do amor que sentia por Fernando, resolve “comprar” seu ex-noivo.

Por meio das negociações feitas secretamente por seu tutor Lemos, faz com que o rapaz acabe aceitando um acordo comprometendo-se a casar por um bom dote, com uma moça cuja identidade desconhecia. Pouco antes do casamento Fernando fica sabendo que se trata de Aurélia.

Fernando sente-se humilhado por Aurélia na noite de núpcias e, ferido por seu amor próprio, decide resgatar sua dignidade e libertar-se da condição de “comprado”, de escravo da senhora. Trabalha incansavelmente com afinco e depois de certo tempo em que os dois se trataram com desprezo e frieza, torturando-se mutuamente, Fernando consegue juntar e devolver o dinheiro de sua compra. Terminado, o motivo vergonhoso que separavam o casal, Aurélia suplica-lhe que aceite seu amor, reconciliando-se ambos para viverem-no.

O romance literário desenvolve-se como se fosse uma transação comercial, verificados pelos próprios títulos das quatro partes em que se divide o romance: o preço, quitação, posse, resgate. Nessa obra, além das críticas à sociedade da época, ressaltou-se aqui a análise feita por Alencar do drama íntimo de uma mulher dividida entre o orgulho ferido e o amor.

Diante dessa perspectiva, neste trabalho não pretendemos trazer a tona a história que conte apenas a saga da heroína Aurélia. Nossa pretensão foi justamente mostrar a vida, os costumes e principalmente o processo educativo

que permeavam o universo feminino da sociedade oitocentista através do romance urbano *Senhora*, evidenciando as contradições que se estabeleceram na época e faziam dessas mulheres um ser social, articulando-se ao meio da qual faz parte. Para Priore (2012, p. 9), “As transformações da cultura e as mudanças nas ideias nascem das dificuldades que são simultaneamente aquelas de uma época e as de cada indivíduo histórico, homem ou mulher”.

Portanto, no próximo capítulo nosso objetivo é mostrar as diferenças e as contradições da sociedade brasileira em meados do século XIX provocando leituras e reflexões que nos ajudem a entender a história das mulheres dessa época através da obra *Senhora* de José de Alencar, na qual o autor discute valores e comportamentos sociais do Rio de Janeiro, resultado do capitalismo ascendente desse período.

## 2. A IMAGEM DA MULHER NA OBRA *SENHORA DE JOSÉ DE ALENCAR*

Neste capítulo buscamos pesquisar a imagem de mulher construída na sociedade elitizada nos meados do século XIX, composta a partir de um modelo de mulher pura e mãe de família, “núcleo fundamental da sociedade dentro da concepção burguesa” (FERREIRA, 2002, p. 85). Para melhor entendimento dessa sociedade elitista, focaremos nosso objeto de estudo no processo educativo do universo da personagem Aurélia, ilustrada pelo literário José de Alencar, dentro do contexto familiar do século XIX.

Desde a ascensão da burguesia a representação feminina na literatura esteve presente, principalmente no Brasil, por intermédio dos romances e dos romancistas da época, representadas, entre outros, por José de Alencar.

Nesse contexto, Ferreira ressalta:

[...] a grande maioria de escritores, na ascensão da burguesia eram homens que se empenharam na construção de um modelo de mulher burguesa; na realidade, construíram três tipos de comportamento (modelo): a mulher-anjo, a mulher-sedução (ambas aceitas pela sociedade) e a terceira, a mulher-demônio, a excluída porque representava a mulher tentação (FERREIRA, 2002, p. 88).

Ao buscar criar uma mulher ideal aos parâmetros da sociedade burguesa, os autores da época utilizaram-se de recursos que possibilitavam a construção de um imaginário social destinado à consolidação e afirmação de suas ideias. Dentre esses recursos, observamos a imprensa, sendo ela na forma de revista ou jornal e os livros de cunho literário, os quais construíram e divulgaram uma imagem feminina destinada sobretudo, à vida privada, com a dedicação de seu tempo e sua vida aos afazeres domésticos e aos cuidados com os filhos e marido.

Os romances eram escritos para as mulheres que o liam às escondidas, em seus espaços domésticos ou na solidão das alcovas e nas sombras das árvores. Assim, os autores angariavam um público leitor feminino que se identificavam com as heroínas e sofredoras das histórias românticas, que, segundo D’Incao, (2012, p. 229) “as histórias de heroínas românticas, langorosas e sofredoras acabaram por incentivar a idealização das relações amorosas e das

perspectivas de casamento”. Nesses textos regados de sentimento, é possível de visualizar o retrato dos hábitos e costumes da época.

A cultura literária brasileira era bifurcada, ou seja, os homens elitizados tinham acesso a obras de política ou filosofia<sup>4</sup>, mas as mulheres deveriam exercitar seu intelecto, “mais fraco e frouxo com uma literatura menos exigente de caráter devocional e moralizador” (HAHNER, 2003, p. 126). A respeito dos escritos dessa literatura, Pereira reafirma:

[...] talvez se explique em parte essa predileção pelos casos amorosos bem como a maneira reservada de os tratar, pela convicção em que estavam os escritores de escreverem principalmente para mulheres num tempo em que a educação visava mantê-las em permanente menoridade social e moral [...] (PEREIRA, 1950, *apud* FERREIRA, 2002, p. 86)

Ainda de acordo com a autora, no final do século XIX, essa a restrição social se destinava não apenas às mulheres intelectuais, mas todas que não se adequavam ao modelo estabelecido e aceito pela sociedade burguesa. Na construção literária do enredo de *Senhora*, José de Alencar apresenta as dificuldades sofridas pelas mulheres da época ao estabelecer relacionamentos com homens de classe social distinta. Essa história trouxe a trama jogos e interesses econômicos, mas desconstruiu a ideia de interesse por si só. Em outras palavras, buscou construir o predomínio do indivíduo sobre as motivações materiais, com a valorização do sentimento e da própria mulher enquanto realizadora de seus próprios desejos.

Contraopondo-se a essa ideia desenvolvida por Alencar, D’ Incão (2012) confirma as dificuldades encontradas pelas mulheres no estabelecimento de relações amorosas. Quanto mais posses a mulher possuísse, maior eram os conflitos amorosos:

[...] a mulher das classes baixas, ou sem tantos recursos, teve maiores possibilidades de poder amar pessoas de sua condição

---

<sup>4</sup> A construção da inferioridade feminina, tanto no aspecto físico, quanto no intelecto, pode ser observada nas literaturas médicas e biologizante da época e reafirmada pelas ideias religiosas da Igreja Católica. No início do século XIX, o padre Miguel de Sacramento Lopes Gama (1791-1852), redator de inúmeros jornais, dentre eles o jornal “*O Carapuceiro*” (1832-1842) apresentou em diversos artigos a importância da mulher para a construção de uma sociedade moralizada e religiosa, como também a inferioridade da mulher nos assuntos políticos e sociais.

social [...] As mulheres de mais posses sofreram com a vigilância e passaram por constrangimentos em suas uniões, de forma autoritária ou adoçada, na sua vida pessoal (D'INCAO, 2012, p. 234).

Para a autora, as mulheres desprovidas de bens sofriam menos pressões no estabelecimento de relações amorosas, uma vez que não se encontravam no centro de grandes disputas políticas e econômicas e, por isso, possuíam maior liberdade para a escolha de seus parceiros. É interessante observar a organização da estrutura social da época. Para isso deve-se buscar a historicidade dos fatos, ou encará-los como partes de uma construção histórica, que nos permitem compreender tanto os posicionamentos de Alencar, como também a construção e desconstrução de modelos familiares pela literatura da época. Pensar o estabelecimento de uma ordem social fundada na autoridade central de um homem e nos cuidados maternos pela mulher parecia, aos homens da época, como o caminho ao ideário civilizatório presente nas nações desenvolvidas.

Segundo D'Inção (2012) no início do século XIX, o Brasil era um país basicamente rural. O estilo de vida da elite dominante na sociedade era fortemente influenciado pelo ideário da aristocracia portuguesa, marcado pelas diferenças sociais do regime escravista. Porém, o processo de urbanização do país crescia rapidamente, abalizado por muitas transformações como a consolidação do capitalismo e o desenvolvimento da vida urbana, na qual demandava novas alternativas de convivência social.

Assim, a estrutura familiar capaz de ordenar a sociedade brasileira em direção ao progresso manteve as características da família patriarcal do período colonial. Esse modelo de família constituiu-se basicamente por um marido autoritário e uma mulher submissa. O estereótipo de mulher obediente e dócil sobressaía, sobretudo, nas mulheres de elite que moravam nas cidades. A essas mulheres cabiam-lhes as tarefas de supervisionar as necessidades de uma casa, os cuidados com a saúde da família, as obrigações religiosas, bem como a instrução dos dependentes.

Entretanto, é importante ressaltar que esse papel não pode ser generalizado às todas as famílias. Havia naquela época, famílias que tinham na figura feminina o centro das decisões, sobretudo doméstica, bem como a

influência sobre as deliberações no âmbito público de seus maridos e da família como um todo. Assim, foi possível vislumbrar algumas mulheres que exerciam influência sobre as decisões dos homens ou maridos, contudo, não era permitido que essa intervenção transparecesse à sociedade, ou seja, “a autoridade do marido e do pai continuava soberana e a ela a mulher ou filha permanecia submissa” (HAHNER, 2003, p. 44).

Assim, surge também uma “nova mentalidade burguesa, reorganizadora das vivências familiares e domésticas, do tempo e das atividades femininas; e por que não, a sensibilidade e a forma de pensar o amor” (D’INCAO, 2012, p. 223). Para a sociedade elitista, o casamento entre as famílias burguesas era visto como um *status*, um degrau de ascensão social, na qual a mulher casada a partir desse momento exerce uma nova função:

[...] contribuir para o projeto de mobilidade social através de sua postura nos salões como anfitriãs e na vida cotidiana, em geral, como esposas modelares e boas mães. Cada vez mais é reforçada a ideia de que ser mulher é ser quase integralmente mãe dedicada e atenciosa, um ideal que só pode ser plenamente atingido dentro da esfera da família burguesa (D’INCAO, 2012, p. 229).

Com esse novo *status* social, a mulher passou a ser importante para a sociedade, elevando o nível e prestígio já existente. Agora os homens dependiam da imagem que essas mulheres traduziam para as pessoas de sua convivência, redefinindo assim o papel feminino. Esse papel de mulher, esposa e mãe da família burguesa, é defendido: “por parte dos meios, educativos e da imprensa na formulação de uma série de propostas que visavam educar a mulher para o seu papel de guardiã do lar e da família” (D’INCAO, 2012, p. 230).

José de Alencar no romance *Senhora* opõe-se a esse modelo vigente nessa sociedade, “independente, sem procurar se ler pelo espelho das faces masculinas, Aurélia personagem de *Senhora*, será o maior grau de transgressão, sem perder sua respeitabilidade, que a sociedade pode aceitar” (FERREIRA, 2002, p. 90).

Numa sociedade a qual a beleza sobressaia, Alencar constrói a heroína de *Senhora* como uma moça de extrema beleza, conforme os moldes da sociedade vigente. Observemos:

Quem não se recorda da Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da Corte como brilhante meteoro, e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzira o seu-fulgor? Tinha ela dezoito anos quando apareceu a primeira vez na sociedade. Não a conheciam; e logo buscaram todos com avidez informações acerca da grande novidade do dia (ALENCAR, 19-- , p. 11).

Ainda presente na obra, fica transcrito em primeira pessoa as boas qualidades da personagem. Aurélia por si só, acrescenta:

Já vejo que a senhora não é nada lisonjeira. Está desmerecendo os meus dotes, acudiu a menina sublinhando a última palavra com um fino sorriso de ironia. Então não sabe, D. Firmina, que eu tenho um estilo de ouro, o mais sublime de todos os estilos, a cuja eloqüência arrebatadora não se resiste? As que falam como uma novela, em vil prosa, são essas moças românticas e pálidas que se andam evaporando em suspiros; eu falo como um poema: sou a poesia que brilha e deslumbra! (ALENCAR, 19-- , p. 17).

Fernando Seixas também descreve à sua irmã ressaltando a beleza de Aurélia e enaltecendo-a:

[...] Vocês mulheres têm isso de comum com as flores, que umas são flores da sombra e abrem com a noite, e outras são filhas da luz e carecem de sol. Aurélia é como estas; nasceu para a riqueza. Eu bem o pressenti! Quando admirava a sua formosura naquela salinha térrea de Santa Teresa, parecia-me que ela vivia ali exilada. Faltava o diadema, o trono, as galas, a multidão submissa, mas a rainha ali estava em todo o seu esplendor. Deus a destinara à opulência (ALENCAR, 19-- , p. 63).

Nesse contexto, a personagem Aurélia é construída como uma mulher bela e pura, porém, hesitante entre sua passividade subserviente: “Talvez que então eu consiga ser a mulher que lhe convinha, uma de tantas que o mundo festeja e admira” (ALENCAR, 19-- , p. 149). Mas também contradizia em suas atitudes de reivindicação, para assim, satisfazer suas imposições e vontades. Nesse sentido, Aurélia também obedecia aos padrões vigentes nessa sociedade. A personagem perdera sua mãe ainda na juventude e não saía às ruas sem sua “mãe de encomenda”, o que o próprio autor nos sugere:

Aurélia era órfã; e tinha em sua companhia uma velha parenta, viúva, D. Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade.

Mas essa parenta não passava de mãe de encomenda, para condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina (ALENCAR, 19-- , p. 11).

Nesse período descrito por José de Alencar, podemos observar na obra *Senhora* que não havia sequer resquícios da emancipação feminina. Entretanto, percebemos que Aurélia sobressaia em relação aos modos e costumes da época, a jovem menina recebia muitas críticas quanto aos seus padrões de comportamento. Observemos este trecho:

Riam-se todos destes ditos de Aurélia, e os lançavam à conta de gracinhas de moça espirituosa; porém a maior parte das senhoras, sobretudo aquelas que tinham filhas moças, não cansavam de criticar desses modos desenvoltos, impróprios de meninas bem-educadas (ALENCAR, 19-- , p. 13).

Nesse sentido, Aurélia tinha plena consciência como deveria ser a mulher ideal para essa sociedade:

\_ O recato é o mais puro véu de uma senhora. Feliz aquela que vive à sombra do zelo materno, e só a deixa pelo doce abrigo do amor santificado. Sua virtude tem como esta flor a tez imaculada, e o perfume vivo. Essa ventura não me tocou; achei-me só no mundo sem amparo, sem guia, sem conselho, obrigada a abrir o caminho da vida, através de um mundo desconhecido. Desde muito cedo vi-me exposta às suspeitas, às insolências e às vis paixões; habituei-me para lutar com essa sociedade, que me aterra, a envolver-me na minha altivez, desde que não tinha para guardar-me o desvelo de uma mãe ou de um esposo (ALENCAR, 19-- , p. 221).

Desse modo, é fundamental ressaltar o destaque que Alencar confere à mulher, exaltando suas qualidades femininas para conquistar o homem amado. Na figura de Aurélia, a personagem teve a chance de decidir tanto pela escolha do marido, quanto ao casamento, ambos impostos na sociedade burguesa. Vejamos: “\_ Perdão, meu tio, não entendo sua linguagem figurada. Digo-lhe que escolhi o homem com quem me hei de casar” (ALENCAR, 19-- , p. 25).

No trecho acima, Aurélia demonstra seus anseios por emancipação, tendo uma postura diferente em relação à mulher da época. Podemos notar então que para uma mulher vivendo em uma sociedade patriarcal, Aurélia rompe com preconceitos e tabus, reafirmando sua independência, mesmo sendo uma mulher vivendo nesse período. Observemos então essa autossuficiência em outro trecho da obra:

Sou senhora de mim, e pretendo gozar da minha independência sem outras restrições, além do meu capricho. Foi o único bem que me ficou do naufrágio de minha vida; este ao menos hei de defendê-lo contra o mundo (ALENCAR, 19-- , p. 222).

Sendo assim, Aurélia, decidida, adota seus próprios métodos para “conquistar” seu marido, ordenando, assim a Lemos:

\_ Esse moço que está justo com a Adelaide Amaral, é o homem a quem eu escolhi para meu marido. Já se vê que, não podendo pertencer a duas, é necessário que eu o dispute (ALENCAR, 19-- p. 28).

O moço a quem Aurélia devota tamanha afeição é Fernando Seixas:

É um moço que ainda não chegou aos trinta anos. Tem uma fisionomia tão nobre, quanto sedutora; belos traços, tez finíssima, cuja alvura realça a macia barba castanha. Os olhos rasgados e luminosos, às vezes coalham-se em um enlevo de ternura, mas natural e estreme de afetação, que há de torná-los irresistíveis quando o amor os acende. A boca vestida por um bigode elegante mostra o seu molde gracioso, sem, contudo perder a expressão grave e sóbria, que deve ter o órgão da palavra viril (ALENCAR, 19-- , p. 32).

José de Alencar constrói Aurélia como uma personagem capaz de romper com os limites determinados para a época, embora o autor não citasse datas desse período, mas mostra indícios históricos que nos revelam provavelmente a data que transcorre a vida da protagonista de sua obra. Vejamos:

A formosa mulher atravessava a sala pelo braço do velho general Barão do T. que para não desmentir o seu garbo marcial, fazia naquele momento prova de um heroísmo superior ao que mostrara na última guerra do Paraguai, onde havia sido um meio

Bayard, *sans peur*, mas não *sans reproche* (ALENCAR, 19--., p. 197).

A partir dessa referência feita pelo autor, podemos supor que a personagem vivia em meados do século XIX, por volta de 1864 a 1870, tempo que perdurou a Guerra do Paraguai. Esse romance urbano de Alencar, na despona a bela Aurélia, tem como cenário a cidade do Rio de Janeiro, capital do império nos anos de 1870, centro comercial, financeiro-administrativo, mas ainda dependente da plantação e exportação do café, responsável também pela “importação e distribuição de artigos de primeira necessidade ou de luxo, inclusive pela absorção e disseminação das últimas ideias e das recentes tendências da moda europeia”. (HAHNER, 2003, p. 69), o que deixava para trás seu aspecto colonial.

No Brasil – colônia, o homem decidia as ações. Era ele quem dominava, por meio da família patriarcal. Aliás, a palavra família vem de *famulus*, uma expressão latina que quer dizer: escravos domésticos de um mesmo senhor. Ou seja: todos deviam obediência ao senhor patriarcal. Sua esposa e filhas também. Elas o chamavam de senhor meu marido; senhor meu pai (RIBEIRO, 2010, p. 82-83 *apud* MELLO, 2011, p. 3-4).

Ainda de acordo com Mello (2011), foi nessa sociedade patriarcal, sobretudo, no período colonial, que se processou a educação das meninas. Aos homens caberia dirigir os negócios, discutir e participar da política, enquanto que as mulheres seriam educadas no seio da própria família e instruídas a serem esposas obedientes, mães dedicadas e habilidosas nas lidas domésticas. Às mulheres não assentia uma educação formal, que a levasse a “uma ação reflexiva sobre a tessitura social, seu papel e direitos na sociedade. A escolarização da mulher abriria a possibilidade de contestação do poder masculino” (MELLO, 2011, p. 7).

Contava também com melhorias no transporte público, iluminação, abastecimento de água, muitas ruas pavimentadas, belos edifícios públicos, além do deslumbramento da Baía de Guanabara com suas belezas naturais. A Rua Primeiro de Março, repleta de estabelecimentos públicos como bancos e correios e a preferida dos visitantes estrangeiros, a Rua do Ouvidor, onde se encontravam as melhores lojas da cidade, era cenário propício para as visitas de Aurélia ao livre.

Os dias, destinava-os para as visitas da Rua do Ouvidor, e os piqueniques no Jardim ou Tijuca. Lembrou-se de fazer da praia de Botafogo um passeio, à semelhança dos Bois de Boulogne em Paris, do Prater em Viena, e do Hyde Park em Londres. Durante alguns dias ela e algumas amigas percorriam de carro aberto, por volta de quatro horas, a extensa curva da pitoresca enseada, esparecendo a vista pelo panorama encantador, e respirando a fresca vibração do mar (ALENCAR, 19--., p. 176).

O romance ambientado no Rio de Janeiro e protagonizado pela figura feminina de Aurélia exhibe o luxo e a pompa das relações sociais burguesas, mas mostra também os hábitos e costumes da hipocrisia dessa classe, a qual Alencar tece críticas ao sistema capitalista da época. Nesse trecho da obra, ambientado por Seixas, vê-se a vida luxuosa do Rio de Janeiro à época:

Seixas saiu, e ela, para disfarçar a impaciência, logo depois do almoço meteu-se no carro com D. Firmina e foi gastar o tempo na Rua do Ouvidor, por casa das modistas e das amigas. Procurava nas novidades parisienses, nas tentações do luxo, um atrativo que lhe cativasse o pensamento e o arrancasse a suas inquietações (ALENCAR, 19--., p. 225).

No bojo da sociedade burguesa, José de Alencar evidenciou que o dinheiro exaltava as pessoas que o possuíam e se não o tinham, rebaixava-as. Assim, o autor traz na figura de Aurélia uma mulher ativa e forte, porém incapaz de sobrepor a esse controle exercido pelo dinheiro, que a transformou. Vejamos:

A riqueza, que lhe sobreveio inesperada, erguendo-a subitamente da indigência ao fastígio, operou em Aurélia rápida transformação; não foi, porém no caráter, nem nos sentimentos que se deu a revolução; estes eram inalteráveis, tinham a fina têmpera de seu coração. A mudança consumou-se apenas na atitude, se assim nos podemos exprimir, dessa alma perante a sociedade (ALENCAR, 19--., p. 111).

Desse modo, percebe-se, que na obra, Alencar acentua o entendimento de que a riqueza compra tudo, inclusive a liberdade.

Não é um mal; muitas vezes torna-se um bem; mas em todo o caso é um perigo. Aqueles que se exercitam em jogar as armas, pensam que tudo se decide pela força. O mesmo acontece com o

dinheiro. Quem o possui em abundância, persuade-se que tudo se compra (ALENCAR, 19--., p. 167).

Fernandes (2009) ressalta que o dinheiro denotava fundamental importância nessa sociedade “afrancesada” e enriquecida com a Revolução Industrial, ou seja:

Aurélia é apresentada no início da obra como uma mulher ativa, forte e capaz de suplantar o domínio masculino por possuir aquilo que a sociedade impunha (o dinheiro). Mas, num determinado momento da história observamos que, afinal, Aurélia é uma mulher frágil e romântica e que a sua aparente força advinda da vingança e do dinheiro não é suficiente para configurá-la como marco de identidade feminina (FERNANDES, 2009, p. 66)

Assim, José de Alencar descreve Aurélia como uma mulher forte e romântica, cuja aparente fortaleza advém de sua riqueza, porém, percebe-se nas características psicológicas da personagem toda sua fragilidade: “Aurélia amava mais seu amor do que seu amante; era mais poeta do que mulher; preferia o ideal ao homem” (ALENCAR, 19--., p. 111).

Desse modo, nem todo seu dinheiro e desejo de vingança foi capaz de fazer dessa personagem um marco da emancipação feminina. Segundo Frota:

Aurélia era uma mulher diferente das outras de seu tempo, pois a todos encantava com sua beleza e inteligência. Ela seduzia a todos que pudessem observá-la. Porém, junto a essa característica peculiar, ela apresentava tava uma maneira de agir marcante carregada pela frieza e pela determinação. Gostava também, de opor-se a algumas regras da sociedade de seu tempo, visto essas regras não lhe agradarem (FROTA, 2011, p. 5-6).

Assim, percebemos que Aurélia sobressaia-se às demais mulheres e o que a distinguia era sua educação. Nesse sentido, podemos destacar o papel desempenhado pelas mulheres dessa época e refletir a função social dessa mulher como uma auxiliadora, um braço direito do homem burguês que emergia naquela sociedade. Portanto, no próximo capítulo abordaremos como essa educação de fato se constituiu no bojo dessa sociedade patriarcal, rumo à ascensão burguesa e os motivos das mulheres terem, obrigatoriamente, de aprender a se portar em público e a conviver de maneira educada.

### 3. A EDUCAÇÃO DA MULHER BRASILEIRA NOS OITOCENTOS: UMA ANÁLISE DA OBRA SENHORA DE JOSÉ DE ALENCAR

Em meados do século XIX, na sociedade ainda patriarcal, presencia-se a consolidação do capitalismo e o desenvolvimento da vida urbana que acrescentava novas formas de relações sociais. A sociedade demandava novas leis que correspondessem satisfatoriamente a essas exigências da “modernização do país”. Nesse contexto social, por meio de Aurélia, de suas reivindicações por mais liberdade e autonomia, veremos como a educação servia de instrumento para se alcançar esse objetivo.

Ao pensarmos em educação, devemos nos reportar primeiramente à mulher que, segundo Veríssimo:

[...] o primeiro e principal educador do indivíduo, desde o seu nascimento, e até bem antes, até a sua morte, é a mulher, segue-se logicamente, necessário, que a educação da sociedade deve começar pela educação da mulher (VERÍSSIMO, 1985, p. 116).

Ainda de acordo com o autor, não foi o que aconteceu com a educação brasileira, a qual se originou dos costumes e hábitos da sociedade portuguesa e, portanto, sucessivamente se estendeu à mulher que até meados do século XIX vivia em meio à clausura.

Do convento ou recolhimento religioso, onde em geral se educava, passava à casa de sua família, na qual a sua reclusão era apenas o menor. O que valiam como moralidade, compostura, decência, instrução, bom tom, disciplina moral e intelectual [...] (VERÍSSIMO, 1985, p. 116).

Nesse contexto, a educação visando somente os saberes intelectuais não era estendida às mulheres. O “saber pelo saber” não as permitiam exercer suas reais funções: mãe e esposa admirável. No excerto abaixo da obra *Senhora*, Alencar esclarece eram constituídos os valores morais no período:

Felizmente D. Camila tinha dado a suas filhas a mesma vigorosa educação brasileira, já bem rara em nossos dias, que, se não fazia donzelas românticas, preparava a mulher para as sublimes

abnegações que protegem a família, e fazem da humilde casa um santuário (ALENCAR, 19--., p. 38).

Na descrição acima, em que se trata da família de Fernando Seixas, Alencar abordou as concepções da sociedade brasileira em relação ao papel desempenhado pela mulher: a de guardiã do lar. De um lado, a personagem do romance ansiava por seu verdadeiro amor, no qual figura de Aurélia configura-se como uma contestação dos estereótipos de mulher da sociedade do século XIX, por outro, Aurélia fugia dos padrões de submissão impostos às mulheres no período, em que a educação feminina centrava-se na condição de serem apenas esposas e mães.

Em relação ao assunto, Hahner ressalta:

Basicamente, as meninas deveriam aprender a cuidar bem de suas casas, pois lhes cabia a obrigação de garantir a felicidade dos homens. Todavia, alguma educação era bem acolhida, pois se tornaria melhores mães para os filhos e melhores companheiras para os maridos (HAHNER, 2003, p. 123).

Sendo assim, Hahner (2003) reafirma que a ideia de educação escolar para meninas foi se somando lentamente à concepção mais antiga de educação doméstica, a qual era submetida às mulheres da sociedade patriarcal.

[...] é preciso lembrar que toda a educação propriamente intelectual lhes era proibida. Na escola, em casa ou no convento, evitava-se desenvolver esses espíritos. E mesmo se houve, aqui e ali, pequenas modificações de programa, o conteúdo de ensino das meninas foi de uma mediocridade espantosa até a primeira metade do século XIX, pois a finalidade era sempre a mesma: fazer delas esposas crentes, donas-de-casa eficientes (BADINTER, 2003 *apud* PINHEIRO, 2009, p. 23).

Em meados do século XIX, a família europeia tinha costumes de frequentar ruas e salões, mas no Brasil a família caracterizava-se como reclusa, no que tange principalmente à mulher. O que se esperava dela era a devoção ao lar para que não lhe sobrasse tempo ocioso, mas a partir da chegada da corte portuguesa ao Brasil contribuiu para que mulheres brasileiras, “europeizando-se”, aparecessem pela primeira vez nos salões e espaços abertos, nas chamadas “reuniões burguesas” (FERNANDES, 2009, p. 34).

Com a intensificação e expansão da vida comercial e política no Rio de Janeiro, passou-se a exigir das mulheres da elite a ostentação de habilidades sociais, permitindo que elas frequentassem cada vez mais as igrejas, as festas e o teatro. Suas roupas também distinguiam a elite da pobreza urbana, passando a refletir assim, a posição de classe e “indicava o tipo de tratamento devido a cada pessoa” (HAHNER, 2003, p. 52). A nova moda de vestuário permitia às mulheres que aparecessem nos bailes e festas com sofisticados vestidos de gala, com muitos babados e fitas, mas que para elas servia ao único propósito de agradar os possíveis e futuros maridos.

A partir do momento em que essa mulher passa a ser vista em público de maneira amiúde, começa a ser pensada do ponto de vista do olhar masculino em relação às questões econômicas e políticas. A nova época, com a introdução de modernidades, fazia necessário às mulheres adotarem uma postura socialmente mais refinada, com bom trato aos convidados, boa aparência, joias e vestidos pertinentes ao caráter das reuniões sociais. As práticas sociais instauradas pelo estatuto da modernização permitiam à mulher abandonar a reclusão doméstica e finalmente saírem às ruas e frequentarem lugares públicos.

Em relação ao novo papel social feminino que emergia na sociedade brasileira, Muricy (1998) ressalta que:

A corte pedia a “mulher de salão”, a “mulher da rua”. Os grandes negócios do marido a requeriam, o pequeno comércio da rua a chamava. A mulher de posses devia expor-se ao mundo: nos salões das residências, nos teatros, nas recepções oficiais, nos restaurantes que começavam a surgir [...] ganhavam as ruas em busca de artigos de luxo franceses e ingleses (MURICY, 1998, *apud* FERNANDES, 2009, p. 57).

Convencidas de sua nova situação social, as mulheres abandonavam seus antigos hábitos e tratavam de “europeizar” seus corpos, seus vestidos e seus sentimentos. Quando as mulheres começavam a frequentar lugares públicos, marcando presença nos cafés, bailes, teatros submetiam-se à avaliação dos outros, daí a necessidade de aprender a conviver de maneira educada. Entretanto, a vida social das mulheres requeria alguns cuidados. A esse respeito, D’Incão (2012, p. 228) comenta: “[...] a convivência social dá maior liberdade às

emoções”, não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade.

Diante desse cenário, Fernandes (2009) afirma que é esse tipo de mulher, essa “mulher de salão, da rua”, que agora lia romances, a exemplo de Aurélia que lia “Shakespeare e George Sand”, como o próprio autor sugere: “Aurélia não gostava de Byron, embora o admirasse. Seu poeta querido era Shakespeare, em quem achava não o simples cantor, mas o sublime escultor da paixão” (ALENCAR, 19-- , p. 214).

No contexto em que a educação feminina consistia apenas em ser boa mãe, esposa amável e devota do santo lar, Aurélia demonstrava fina educação, instruída tanto para as letras, quanto para as finanças, vejamos:

\_ Agora mesmo, Aurélia, está você me dando razão e mostrando sua instrução. Quem há de dizer que uma menina de sua idade sabe mais de que muitos homens que aprenderam nas academias? E assim é bom; porque senão, com a riqueza que lhe deixou seu avô, sozinha no mundo, por força que havia de ser enganada (ALENCAR, 19-- , p. 17).

Vê-se, portanto, que Aurélia evidenciava o intelectualismo e superioridade característicos dos homens, e, de acordo com Alencar (19-- , p. 19), “[...] Aurélia distinguia-se pela sobriedade, que era nela a consequência de temperamento e educação” e acrescenta:

Era realmente para causar pasmo aos estranhos e susto a um tutor, a perspicácia com que essa moça de dezoito anos apreciava as questões mais complicadas; o perfeito conhecimento que mostrava dos negócios, e a facilidade com que fazia, muitas vezes de memória, qualquer operação aritmética por muito difícil e intrincada que fosse (ALENCAR, 19-- , p. 23).

Nesse trecho de uma conversa da jovem menina com o seu tutor Lemos, Alencar apresenta Aurélia como uma jovem extremamente informada que dominava os diversos assuntos cotidianos, e também muito astuta nos assuntos financeiros:

\_ Esquece que desses dezenove anos, dezoito os vivi na extrema pobreza e um no seio da riqueza para onde fui transportada de repente. Tenho as duas grandes lições do mundo: a da miséria e

a da opulência. Conheci outrora o dinheiro como um tirano; hoje o conheço como um cativo submisso. Por conseguinte devo ser mais velha do que o senhor que nunca foi nem tão pobre, como eu fui, nem tão rico, como eu sou (ALENCAR, 19--, p. 25).

Assim Alencar deixou claro como Aurélia sobressaia com sua educação, até mesmo nos assuntos ditos “masculinos”:

A natureza dotara Aurélia com a inteligência viva e brilhante da mulher de talento, que se não atinge ao vigoroso raciocínio do homem, tem a preciosa ductilidade de prestar-se a todos os assuntos, por mais diversos que sejam (ALENCAR, 19--, p. 85).

Vejamos agora em que contexto essa jovem tão astuta vivia e como a educação fazia de Aurélia essa mulher frente ao seu tempo. No século XIX ocorreram mudanças substanciais para as mulheres, elas reivindicaram seus direitos aproximando-se assim do mundo masculino. Na sociedade burguesa brasileira ainda predominava o patriarcado, mas com as transformações socioeconômicas que passaram no Brasil, o patriarcado foi perdendo forças.

Nesse mesmo período também aconteceram mudanças em relação à educação. As mulheres elitizadas puderam ter acesso à instrução que ocorria em suas próprias casas. Porém, essa educação servia mais como uma instrução, como comenta Souza:

Entendia-se por instrução feminina a dança, o aprendizado de piano, a escrita e a leitura. Livros eram escritos especialmente para esse público, não exigindo de suas leitoras um esforço de reflexão e compreensão (SOUZA, 2007, *apud* FOLLADOR, 2009, p. 10).

Desse modo, a educação servia mais como um modelo de como as mulheres deveriam se comportar diante da sociedade. Os aprendizados direcionados ao público feminino não forneciam nenhum teor científico ou qualquer criticidade.

Assim, houve a preocupação por parte dos legisladores em inserir a mulher no processo educacional que, segundo Cunha e Silva fazia necessário organizar:

[...] um sistema educacional que fosse capaz de atender às necessidades de grande parte da elite colonial que, naquele

momento, passava a assumir a direção da recém-nascida nação brasileira (CUNHA e SILVA, 2010, p. 98)

A educação para as mulheres passou a existir como uma condição indispensável para se contrapor a uma imagem de Brasil “colonial, atrasado, inculto e primitivo” (LOURO, 2012, p. 443), numa sociedade ainda marcada pelo patriarcado.

Diante desse contexto, Pinheiro afirma:

As mulheres por muito tempo foram preparadas para o casamento ou para vida religiosa. Visando esses princípios não era concedida uma educação além do necessário para que atingissem o fim desejado. A educação visava o bom funcionamento da casa, se lhes ensinavam matemática era para saber administrar as contas domésticas, sabiam o básico de leitura escrita, religião, moral, além de manusear o fio e a agulha. O saber feminino por muitos anos permaneceu incompleto, pois deveriam saber o mínimo necessário para educar seus filhos moralmente (PINHEIRO, 2009, p. 26).

No excerto acima, pode-se perceber o distanciamento da educação feminina e masculina e também as divisões sociais que determinavam qual o tipo de educação se aprendia ou ensinava. Nas palavras de Louro:

Para as filhas de grupos sociais privilegiados, o ensino da leitura, da escrita e das noções básicas da matemática era geralmente complementado pelo aprendizado do piano e o francês que, na maior parte dos casos, era ministrado em suas próprias casas por professoras particulares, ou em escolas religiosas. As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as habilidades de mando das criadas e serviçais, também faziam parte da educação das moças; acrescida de elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representa-lo socialmente. O domínio da casa era claramente o seu destino e para esse domínio as moças deveriam estar plenamente preparadas (LOURO, 2012, p. 446).

Ainda de acordo com a autora, a população pobre não tinha interesse em se instruir, e havia poucos meios de provimento da leitura e da escrita. As meninas das camadas inferiores estavam desde cedo envolvidas nos afazeres domésticos, nos cuidados com os irmãos, e conseqüentemente, a educação escolarizada ficava em segundo plano. Nesse sentido, essa evidente divisão social só deixava claro que as mulheres deveriam ser mais educadas do que

instruídas. A essa mulher cabia-lhe o papel de “mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educadora das gerações do futuro” (LOURO, 2012, p. 446), ou seja, a educação não era prioridade, sobressaiam seus deveres de esposa e mãe.

A educação para as mulheres da sociedade burguesa também era realizada em suas próprias residências por preceptores escolhidos por suas famílias. Esse ensino praticado em casa permitia que as mulheres possuíssem uma educação parecida com a destinada aos meninos nas escolas. Alencar mostra que essa prática de educação familiar era exercida em meados do século XVIII, assim como nos sugere, destacando que a educação de Aurélia era transmitida por preceptores, visto que a personagem não demonstrava a educação das salas escolares.

Para Louro a educação das mulheres no Brasil:

[...] seria feita, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos ou, na linguagem republicana, na função de formadora dos futuros cidadãos (LOURO, 2012, p. 446-447).

Ainda que essa educação representasse um ganho significativo para as mulheres, ela permanecia justificada por uma sociedade que objetivava fazer dela mãe e esposa.

Segundo Schueler e Limeira (2007) em 1827, numa sociedade ainda escravocrata e rural como o Brasil, havia poucas escolas com poucas demandas também, mas já se pensava em organizar uma estratégia para que se estabelecesse ordem, progresso e civilização para a construção do Estado Nacional. Por isso, legisladores instituíram as *escolas de primeiras letras* e, após, houve a necessidade de discutir quais conteúdos deveriam ser destinados às mulheres, mais especificamente, à sua formação.

A Lei de 15 de Outubro de 1827 determina ainda que:

[...] em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos deveriam existir, desde que necessárias, *escolas de primeiras letras*; além das escolas para meninos, deveriam existir também escolas para

meninas; os professores fossem vitalícios, ingressando no magistério por concurso público (PERES, 2005, p. 7).

Ao regulamentar essa lei à todos os cidadãos, Peres (2005) complementa que a escola elementar constituía seu currículo em escrever, ler e contar (quatro operações, decimais e proporções), geometria prática, gramática da língua nacional, moral e doutrina da religião católica. Contudo, a instrução feminina era diferente da instrução masculina. Para as meninas ensinavam-se apenas as quatro operações, nenhuma geometria e ao invés desta, prendas que serviam à economia doméstica, o que a própria lei justificava:

As mulheres carecem tanto mais de instrução, porquanto são elas que dão a primeira educação aos seus filhos. São elas que fazem os homens bons e maus; são as origens das grandes desordens, como dos grandes bens; os homens moldam a sua conduta aos sentimentos delas (LOURO, 2012, p. 447).

Contudo, a Lei de 15 de Outubro não perdurou muito tempo, acabando por fracassar em sua “aplicação por motivos econômicos, técnicos e políticos” (PERES, 2005, p. 7).

A década de 1850 contava com uma educação e um ensino fragmentado, portanto, era preciso estabelecer unidade em todo país. Esse processo de unificação do ensino decorreu das reformas do então Ministro Couto Ferraz.

O regulamento de Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, baixado com o Decreto 1.331A, de 17 de fevereiro de 1854, pelo Ministro do Império do Gabinete Paraná, Luiz Pedreira do Couto Ferraz, entre outras importantes providências, criou a Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, órgão ligado ao Ministério do Império e destinado a fiscalizar e orientar o ensino público e particular dos níveis primário e médio na cidade do Rio de Janeiro, e estruturou em dois níveis – o elementar e o superior – a instrução primária gratuita, constitucionalmente prometida a todos. Além disso, previu um sistema de preparação do professor primário e estabeleceu normas para o exercício da liberdade de ensinar (PEREZ, 2005, p. 11).

Ao estabelecer o regulamento de 1854, o ensino primário na Corte passaria a ser obrigatório. Nas escolas de instrução elementar o currículo compreenderia: “instrução moral e religiosa, leitura e escrita, noções essenciais da geometria,

princípios elementares da aritmética, sistema de pesos e medidas do município” (PEREZ, 2005, p. 11), mas nas escolas femininas, os trabalhos domésticos (agulhas e bordados) ainda eram necessários de serem ensinados.

Já nas escolas de instrução superior, o currículo abrangeria também:

[...] desenvolvimento da aritmética em suas aplicações práticas, leitura explicada dos Evangelhos e notícia de História Sagrada, os princípios das Ciências Físicas e da História Natural aplicáveis aos usos da vida, geometria elementar, agrimensura, desenho linear, noções de música e exercícios de canto, ginástica, e estudo mais desenvolvido do sistema de pesos e medidas (PEREZ, 2005, p. 11).

Com a regulamentação da Instrução Primária e Secundária no Município da Corte, o ensino primário e secundário ficou restrito: “[...] acesso às escolas criadas pelo Ministério do Império era franqueado à população livre e vacinada, não portadora de moléstias contagiosas” (LIMEIRA e SCHUELER, 2005, p. 1). Aos escravos não eram permitido matricularem-se nas escolas públicas.

Mesmo com todas essas tentativas de reformas no que tange à educação na sociedade brasileira do século XIX, foi mantido o status da educação feminina: instruí-las para serem boas mães e esposas e capacitando-as ao exercício das prendas domésticas. Assim, destacamos que o caminho percorrido pelo sistema educativo voltado às mulheres tinha finalidade única de prepará-la para assumir as funções domésticas que essa nova sociedade carecia, destacando que a educação era capaz de torná-la, como já dito anteriormente, boa mãe, esposa amável e formadora de futuros cidadãos.

Ao estudarmos o contexto histórico da sociedade oitocentista na obra *Senhora* foi possível conhecer um pouco mais sobre as mulheres no século XIX, seu modo de vida. A personagem de Aurélia, construída por Alencar para reforçar o modelo feminino ideal para uma sociedade patriarcal, demonstrou que a educação seria o meio mais fácil de romper certos paradigmas próprios do universo masculino, mas em termos de valores sociais e princípios morais, as mulheres deveriam pautar suas vidas nos ditames de uma sociedade rígida para com o mundo feminino.

Nesse contexto, percebemos que Alencar traça um desfecho para a personagem Aurélia. Assim:

[...] nossa heroína enquanto se reveste da postura masculina, sendo senhora, impregna-se de impureza e para sua purificação foi designada a se redimir e pedir perdão, postulando a “sublimação heroica da paixão” do século XIX, que funcionava como uma ideologia de regulamentação de comportamento social (FERREIRA, 2002, p. 23).

Desse modo, fica evidente que Alencar ao mesmo tempo em que faz de sua personagem Aurélia uma mulher frente a seu tempo, mostra como a redime através do amor que a personagem devota a Seixas, confessando a ele seu amor. Vejamos: “Pois bem, agora ajoelho-me eu a teus pés, Fernando, e suplico-te que aceites meu amor, este amor que nunca deixou de ser teu, ainda quando mais cruelmente ofendia-te.” (ALENCAR, 19-- , p. 176) e assim, o romance termina com amor de ambos.

Assim, percebemos que através de *Senhora*, Alencar ressalta que as instituições sociais como escola e família, são meios que definem a história não apenas das personagens de ficção, mas, sobretudo, das mulheres que representaram a sociedade brasileira no século XIX. Nesse contexto, a educação da mulher era vista apenas como seu papel em família, ou seja, a mulher era a primeira educadora dos filhos, depois esposa que acompanha o marido em festas e conversas e, boas donas de casa, capazes de administrar o bem-estar da família. Essas concepções perduraram quase todo século XIX, mas com as necessidades que emergiram dessa sociedade burguesa, fez-se necessário o aprendizado da leitura e escrita e, portanto, a educação nesse período, ganhou espaço e atenção. Desse modo, podemos considerar os avanços, ainda que tímidos em relação à educação da mulher nos oitocentos, que pouco a pouco foi conquistando seu lugar.

## CONCLUSÃO

Neste trabalho buscamos por meio da obra *Senhora* escrita por José de Alencar realizar uma análise histórica sobre as mulheres no período oitocentista. Para melhor compreensão do romance *Senhora*, entendeu-se ser de fundamental importância descrever o contexto social no qual vivia o autor, quais suas influências literárias e o que lhe proporcionou tanto fascínio pelos romances, nos quais predominava a abordagem do perfil feminino.

O trabalho permitiu conhecer um pouco sobre Alencar, considerado um dos maiores romancistas brasileiro, cujas obras se voltavam ao público feminino. Nos romances, não se descuidou, além de criticar as modernidades introduzidas pelo desenvolvimento do capitalismo e das relações sociais que engendrava ensinar suas leitoras sobre as maneiras adequadas de se portarem em sociedade naquele meado do século XIX. As mulheres nos oitocentos viviam limitadas a vida doméstica, sem autonomia e participação na vida pública, seja na política ou economia.

Era recorrente nas obras literárias do período a legitimação de uma visão de mundo e de sociedade ideal para a época, na qual se destacava o papel da educação da mulher como esposa zelosa e guardiã da família. Nesse sentido, os romances clássicos literários, incluindo *Senhora*, servem como estudo pedagógico, um manual de educação e instrução sobre como a mulher deveria se portar em sociedade.

Nas obras literárias, a educação e a família, funcionavam como um meio de inculcar valores e costumes, assentados na ordem e na moral, capazes de servir de modelo para a sociedade da época. A partir daí, José de Alencar definiu um modelo do feminino às mulheres a partir de Aurélia. O seu conservadorismo o fazia “pugnar” com Aurélia durante todo transcorrer do romance, ora criticando seus procedimentos, ora aceitando-os, para depois mostrar que eram desnecessários.

A questão posta era afirmar que às mulheres não se podia consentir a plena liberdade autonomia sobre as suas vidas. Essa era uma questão fundamental para a época. O advento do trabalho livre, em curso na sociedade

burguesa então mais desenvolvida, passara a exigir das antigas colônias o mesmo patamar de liberdade. Numa sociedade escravista, elitista e conservadora, a personagem Aurélia teve a função de reafirmar o *status quo* da classe dominante, a aristocracia rural, e demonstrar que a sociedade da época ainda não estava pronta para absorver as modernizações exigidas pelo capitalismo.

No decorrer do romance, Alencar evidencia Aurélia como uma mulher à frente de seu tempo, e que, de certa forma, com sua riqueza, exalava autonomia frente à sociedade por ser uma mulher de uma educação refinada. Mas, Alencar, em outros momentos, a retratava como uma mulher ansiosa por um casamento feliz e um lar devoto, assim como defendia a sociedade patriarcal.

Percebe-se que nas últimas décadas do século XIX a educação da mulher foi apontada como uma das condições para a ocorrência de mudanças necessárias a sociedade urbana que despontava no cenário social. A Lei de 15 de Outubro de 1827 e a Reforma de Couto Ferraz de 1854 posicionaram-se em nome das modernizações, mas, mesmo com o teor avançado das leis, a educação destinada às mulheres baseava-se nos ensinamentos dos valores morais necessários à manutenção da sociedade patriarcal. Educar as mulheres significava apenas torná-las mães e esposas submissas à vontade dos homens.

Nessa perspectiva, o trabalho permitiu percorrer a trajetória da educação das mulheres no interior da sociedade patriarcal e trazer elementos para o debate sobre sua condição vinculada ao desenvolvimento social que permeou a sociedade brasileira no século XIX.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Senhora; Diva**. São Paulo: Dicopel, 19--. 341 p.

\_\_\_\_\_. **Como e Porque sou Romancista**. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2005.

CUNHA, Washington Dener dos Santos; SILVA, Rosemaria J. Vieira. **A educação feminina do século XIX: entre a escola e a literatura**. Niterói, v. 11, n. 1, p. 97-106, 2. sem. 2010. Disponível em: [www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/download](http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/download). Acesso em: 01 agos. 2013.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In.: PRIORI, Mary Del (org); PINSKI, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed., 1ª impressão. São Paulo: Contexto, 2012.

FERREIRA, Silvia Lucia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do. **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. Salvador: NEIM/UFBA, 2002.

FERNANDES, Alcinda Lima dos Anjos. **As mulheres em José de Alencar: Lucíola e Senhora**. Universidade de Cabo Verde - 2009. Disponível em: <http://portaldodoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/1876/1/MONOGRAFIA-%20FINAL.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2013.

FILHO, Luiz Viana. **A vida de José de Alencar**. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1979. (Coleção Documentos brasileiros; v. n. 187)

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. **A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental**. Revista fato & versões / n.2 v.1 / p. 3-16 / 2009. Disponível em: <http://200.233.146.122:81/revistadigital/index.php/fatoeversoes/article/viewPDFInterstitial/3/102>. Acesso em: 10 jul. 2013.

FROTA, Karla Patrícia Palmeira. **O tratamento dirigido às mulheres nos romances Senhora, de José de Alencar e o Cortiço, de Aluísio de Azevedo.**

Disponível em: [http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/karla\\_patricia.pdf](http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/karla_patricia.pdf). Acesso em: 01 jul. 2013.

FURLAN, Silvana Avesani Cavotto. Perfis femininos das personagens de José de Alencar: uma análise psicológica e social das personagens femininas de suas obras. Disponível em:

[http://fcla.edu.br/unar2007/revista/pdf\\_V32\\_2009/4.%20FURLAN,%20S.A.C.%202009..pdf](http://fcla.edu.br/unar2007/revista/pdf_V32_2009/4.%20FURLAN,%20S.A.C.%202009..pdf). Acesso em: 15 abr. 2013.

GAMA, L. **O Carapuceiro**: Crônicas de costumes. Organização e introdução: Evaldo Cabral de Mello. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino**: a luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850-1940/June E. Hahner; tradução de Eliane Lisboa; apresentação de Joana Maria Pedro. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

LETRAS, Academia Brasileira de. **Machado de Assis**. Disponível em: <http://www.machadodeassis.org.br/>. Acesso em: 14 jul. 2013.

LIMEIRA, Aline de Moraes; SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. **Regulando o ensino privado**: A Reforma Couto Ferraz (1854). Revista HISTEDBR On-line. Artigo Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.32, p.48-64, dez. 2008 - ISSN: 1676-2584. Disponível em: [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/32/art03\\_32.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/32/art03_32.pdf). Acesso em 01 agos. 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres em sala de aula. In.: PRIORI, Mary Del (org); PINSKI, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed., 1ª impressão. São Paulo: Contexto, 2012.

MELLO, Saulo Álvaro de. *et al.* **Da educação patriarcal às escolas mistas.** Interfaces da Educação. Paranaíba, v.2, n.5, p.32-49, 2011. ISSN2177-7691

PERES, Tirsa Regazzini. **Educação Brasileira no Império.** Disponível em: <http://www.pedagogiaaopedaletra.com.br/wp-content/uploads>. Acesso em> 15 agos. 2013.

PINHEIRO, Juliana Locatelli M. **Madame D'Épinay e Rousseau: um debate filosófico sobre a educação feminina.** Universidade Federal do Paraná – 2009. Disponível em: <http://www.generos.ufpr.br/files/eb0e-monografia-juliana-locatelli-com-capa.pdf>. Acesso em: 01 agos. 2013.

PRIORI, Mary Del (org); PINSKI, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil.** 10. ed., 1ª impressão. São Paulo: Contexto, 2012.

ROCHA, Alessandro Santos; BERNARDO, Débora Giselli. Pesquisa bibliográfica: entre conceitos e fazeres. In: César de Alencar Arnaut de Toledo; Maria Teresa Claro Gonzaga. (Org.). **Metodologia e técnicas de pesquisa na área de Ciências Humanas.** 1. ed. Maringá: EDUEM, 2011, v., p. 81-99

SANTOS, Gênesson Johnny Lima. **Cartas sobre a Confederação dos Tamoios: José de Alencar e a caracterização da Literatura Nacional.** Disponível em: <http://www.revistaaopedaletra.net/volumes/Volume%2011.1/Vol-13-1-Genesson-Johnny-Lima-Santos.pdf>. Acesso em: 04 de jun. 2013

TUFANO, Douglas. **Estudos da literatura brasileira.** 2. ed. São Paulo: ED Moderna, 1982.

VERÍSSIMO, José. **A educação nacional.** 3. ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.